

A *Sputnik Brasil* como ferramenta de propaganda russa sobre a guerra da Ucrânia¹

Luan Gabriel Alves de OLIVEIRA²
Lídia RAMIRES³
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

O objetivo desse artigo é analisar o discurso da filial brasileira da *Sputnik* e compará-lo com o *G1*, que também segue os moldes de jornalismo de portal, verificando se há um viés pró-*Kremlin* no discurso do veículo e problematizando as repercussões desse discurso com base em bibliografia interdisciplinar. Com a invasão da Ucrânia pela Rússia no início de 2022, vários países do bloco ocidental passaram a bloquear ou limitar a circulação de informação proveniente de veículos russos, notadamente a *Sputnik* e a *RT*, ambos parte do conglomerado *Rossiya Segodnya* e considerados armas de propaganda pró-*Kremlin* por analistas (GROLL, 2014; DE ROCCHI, 2017). Apesar de ser um veículo estatal, a *Sputnik Brasil* não deixa explícito em sua página ser vinculado ao governo da Federação Russa. Como referência para essa análise, foram escolhidos textos que buscam introduzir o leitor ao tema e contextualizar a invasão. No caso do veículo brasileiro, o texto se chama “Por que a Rússia invadiu a Ucrânia”⁴ e, no russo, “O que Putin quis dizer com desnazificação da Ucrânia e por que é tão importante”⁵. A conclusão da análise é que ambos os textos abordam os mesmos temas, porém fazem um trabalho de interpretação bastante diferente sobre suas raízes, ponto visível do título das matérias até a forma como o texto é formatado internamente. A *Sputnik*, por exemplo, chama a incursão em território ucraniano de “operação militar especial”, conforme terminologia imposta pelo *Kremlin* aos veículos de mídia, enquanto o *G1* o chama abertamente de invasão. O veículo brasileiro aponta causas como as ambições territoriais de Vladimir Putin, enquanto o russo fala em “desnazificação” e “desmilitarização” da Ucrânia. O texto

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 18 a 20 de maio de 2022.

² Estudante de Graduação do 6º período do Curso de Jornalismo do ICHCA-Ufal, email: luan.oliveira@ichca.ufal.br

³ Professora do Curso de Jornalismo do ICHCA-Ufal, email: lidia.ramires@ichca.ufal.br

⁴ <https://g1.globo.com/mundo/ucrania-russia/noticia/2022/02/24/por-que-a-russia-invadiu-a-ucrania.ghtml>, consultado 28/02/2022 às 15h42

⁵ <https://br.sputniknews.com/20220226/o-que-putin-quis-dizer-com-desnazificacao-da-ucrania-e-por-que-e-tao-importante-21601601.html>, consultado 28/02/2022, às 15h43

da *Sputnik* chama as regiões separatistas do Donbass e Luhansk de “Repúblicas Populares”, reconhecendo sua independência e soberania, que não é reconhecida a largo pela comunidade internacional, mas sim pelo governo russo. Também chama atenção o uso de verbos de elocução que colocam autoridades russas em posições de superioridade e domínio sobre o tema (GAVAZZI, RODRIGUES, 2003 *apud* PRADO, 2008). Ao fim, percebe-se que o texto da *Sputnik* possui um discurso totalmente alinhado ao discurso oficial do governo de Vladimir Putin, enquanto o *GI* possui uma inclinação mais crítica à posição russa e, por vezes, faz incursões em um discurso pró-Ocidente. Um exemplo é quando a deposição de Viktor Yanukovich, ocorrida no contexto da *Euromaidan* em 2014, é tratada como um ato de resistência popular de consenso dos ucranianos, quando alguns analistas independentes e partidários políticos ucranianos e internacionais o classificam como golpe (MEARSHEIMER, 2014). O veículo também oferece um espaço maior e em destaque sobre o *Holodomor*, o “genocídio pela fome” perpetrado pelo regime de Stalin no século XX e que afetou desproporcionalmente famílias ucranianas. Apesar de seu viés, o texto do *GI* chega a elencar a expansão da Otan como um dos motivos da incursão. Chama atenção também os termos usados pelos veículos para se referir aos dois países envolvidos no conflito: enquanto o *GI* quase sempre cita a Rússia pelo nome de seu líder, Vladimir Putin, a *Sputnik Brasil* usa palavras como “as novas autoridades ucranianas” (pós-*Maidan*) e os “nacionalistas e neonazistas sentados no governo de Kiev”. Em ambos os casos, o não-dito é que os governantes em questão não representam o interesse da totalidade de seus países, e tomam decisões monocráticas e tirânicas. Para fazer uma leitura crítica do discurso da *Sputnik*, é evocado o conceito de *malign information influence* (MII), que se traduz como “influência informacional maligna”, proposto por Charlotte Wagnsson (2022). A autora descreve o fenômeno como transmissões internacionais patrocinadas por regimes autoritários que obscurecem as linhas entre diplomacia pública, propaganda e jornalismo tradicional, frequentemente construídas por meio de desinformação e com objetivo de infligir danos. O conceito não está amplamente presente nas discussões sobre desinformação no Brasil, apesar de surgir em outros formatos, mas tal tática pode ser particularmente efetiva no público brasileiro, devido a um grau inferior de conhecimento a respeito dos eventos na Europa Oriental (ENTMANN, 1993) e um viés antiamericano embutido em algumas instituições devido ao histórico intervencionista do vizinho ao norte na América Latina. A pesquisadora

Denise De Rocchi já realizou uma análise de conteúdo da *Sputnik Brasil*, também destacando que o veículo fazia cobertura ostensiva de temas que eram de interesse direto do *Kremlin*, deixando em segundo plano temáticas que eram relevantes para o público brasileiro e se distanciando das pautas de outros portais da mídia tradicional do país. À época, a autora encontrou evidências de uma campanha de apoio do regime de Bashar Al-Assad durante a Guerra Civil da Síria (DE ROCCHI, 2017), um forte aliado de Vladimir Putin no Oriente Médio. Conforme destaca Nayara Wiira (2019), o Brasil e a Rússia começaram um processo de aproximação desde o governo Fernando Henrique Cardoso, que se aprofundou nos anos petistas, e compartilham posicionamentos e demandas comuns em vários fóruns internacionais, como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial do Comércio (OMC), além de serem ambos países em desenvolvimento que atuam em bloco em alguns fóruns. A Rússia também comprou R\$ 1.5 bilhões em mercadorias brasileiras em 2021, segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. Tal relação, somada à tradição amplamente documentada de neutralidade da diplomacia brasileira, torna a tomada de medidas como a proibição dos veículos contraproducente. O ato também iria de encontro com a natureza aberta das redes e teria eficiência prática limitada. Apesar disso, a importância do uso de ferramentas de educação e prevenção dos efeitos danosos da penetração de discursos como os veiculados pela *Sputnik Brasil* é latente, especialmente em meios de estudo da comunicação e das relações internacionais. Conforme destaca Charlotte Wagnsson em outra pesquisa (2020), o consumo de mídias como a *Sputnik* e a *RT* estão negativamente ligados à baixa confiança na mídia como um todo e em outras instituições democráticas e republicanas. A Similarweb estima que 5% do tráfego da *Sputnik* esteja localizado no Brasil, o 4º maior do mundo⁶, com um crescimento expressivo dia após dia. Pesquisas quantitativas e qualitativas sobre esse impacto no país não foram localizadas no levantamento desse estudo, mas os dados sobre seu impacto em países com maior cultura e tradição informacional, como a Suécia, preocupam e acendem alertas localmente.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; Rússia; Ucrânia; Discurso; MII

⁶ <https://www.similarweb.com/pt/website/sputniknews.com/#traffic>, acesso em 01/04/2022, às 12:53

REFERÊNCIAS

DE ROCCHI, Denise. **O uso da Comunicação como ferramenta de política externa da Federação Russa: Análise de Discurso do Sputnik News.** In: Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação, XIII, 2017, Porto Alegre. Disponível em:

<https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos_trabalhos_20172/4925/2140/2604.pdf>, acessado em 01/04/2022 às 13:49.

ENTMAN, R. M. **Framing:** Toward clarification of a fractured paradigm. *Journal of communication*. vol. 43. p. 51-58. 1993. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>.

GROLL, Elias. **Kremlin's 'Sputnik' Newswire Is the BuzzFeed of Propaganda.** *Foreign Policy*, 2014. Disponível em: < <https://foreignpolicy.com/2014/11/10/kremlins-sputnik-newswire-is-the-buzzfeed-of-propaganda/> >, acessado em 01/04/2022 às 13:51.

MEARSHEIMER, J. J. **Why the Ukraine Crisis Is the West's Fault.** *Foreign Affairs*, 2014, vol. 93, n. 5. Disponível em: <<https://www.mearsheimer.com/wp-content/uploads/2019/06/Why-the-Ukraine-Crisis-Is.pdf>> , acessado em 01/04/2022 às 13:46.

PRADO, V. A. G. S. **O Percurso de uma entrevista no Jornal:** alguns procedimentos lingüístico-discursivos na passagem do oral para o escrito e suas conseqüências para a interpretação da enunciação. *Linha d'Água*, n. 21, p. 47-76. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v0i21p47-76>.

WAGNSSON, Charlotte. **What is at stake in the information sphere?** Anxieties about malign information influence among ordinary Swedes. *European Security*, vol. 29, n. 4, p. 397-415. maio, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/09662839.2020.1771695>.

WAGNSSON, Charlotte. **The paperboys of Russian messaging:** RT/Sputnik audiences as vehicles for malign information influence. *Information, Communication & Society*, vol. 25, n. 3, p. 1-19. Fevereiro, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1080/1369118X.2022.2041700>.

WIIRA, N. O. **Notas sobre as relações entre Brasil e Rússia na era Putin e perspectivas para o governo de Jair Bolsonaro.** In: Fórum de Análise de Conjuntura, XIX, 2019, São Paulo. Disponível em:

<<http://www.inscricoes.fmb.unesp.br/upload/trabalhos/20191219164114.pdf>>, acessado em 01/04/2022 às 13:42.